
A ESCRITA ACADÉMICA VISTA PELOS ESTUDANTES: A GENEROSIDADE AO SERVIÇO DO ENSINAMENTO

Maria da Graça Lisboa Castro Pinto¹

Doutora em Linguística Aplicada da Universidade do Porto
Professora Catedrática da Faculdade de Letras da Universidade do Porto

RESUMO: A escrita académica, enquanto objeto de estudo, pode ser abordada de modos distintos. No caso concreto, optou-se por dar a conhecer o que estudantes que frequentaram diferentes disciplinas lecionadas pela autora do presente texto pensam sobre a escrita em debate. As respostas transcritas condensam visões singulares acerca da escrita académica, porventura difíceis de encontrar em artigos e compêndios da especialidade, posto que mediadas pela experiência e pelo poder crítico de cada estudante. É-lhes devido naturalmente um particular agradecimento pela generosidade que manifestaram em redigir os depoimentos apresentados e em autorizar a sua citação. Resta ao leitor converter essa generosidade em ensinamento.

Palavras-chave: Escrita académica. Visão dos estudantes. Generosidade. Ensino.

Abertura

Conquanto haja quem se queixe que os estudantes não leem o suficiente e quem avance que nem sabem se os próprios escritos são ou não lidos, convém não generalizar essas crenças e estar atento àquilo de que são capazes os estudantes quando se interessam pelas matérias e desejam dar o seu melhor.

Segue-se um texto que prova à evidência o empenho dos estudantes no atinente à escrita académica. As respostas que fornecem a determinadas perguntas que lhes são feitas não estão nada longe de textos de especialistas na área. É mesmo de crer que a leitura dessas respostas por um público estudantil produza um efeito mais positivo do que muitas outras leituras.

A generosidade em meio académico

Ao próprio não compete enaltecer as suas qualidades. Já tal é permitido aos que o conhecem e sentem que o devem fazer. Seria bom pensar que essa é uma prática habitual, nomeadamente no mundo académico. Dado que este texto se destina a integrar um dossiê sobre escrita académica num periódico do Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, vem a propósito,

¹ Endereço eletrónico: mgraca@letras.up.pt

dado o que o mencionado programa também tem de pedagógico, chamar a terreiro um escritor/professor que se dedicou com uma perícia única à arte de escrever e ao ensino da escrita e a quem um colega de ofício não deixou de elogiar o seu lado generoso.

Brock Dethier (2013, p. xv) inicia a secção “Generosity” do “Foreword” que redigiu à obra “The craft of revision” de Donald Murray (2013) da seguinte forma: “Don loved sharing” (p. xv). “Don gostava de partilhar”. Qualquer um pode mostrar interesse em saber o que gostaria Donald Murray de partilhar. Como amante que era da escrita, Murray sentia prazer não só em distribuir cópias de citações dos seus escritores preferidos, mas também de oferecer a amigos, colegas e conhecidos cópias dos seus vários escritos. As citações dos seus escritores prediletos não eram sobre qualquer temática avulsa. Elas versavam a arte de escrever. Condensavam o que para eles representava o mister que tinham seguido. E ele sabia bem, por experiência própria, a utilidade que delas podiam retirar, muito em particular, os seus confrades, aqueles que, como ele, ensinavam composição e também escreviam. Não surpreende, pois, que Brock Dethier escreva acerca das citações e textos que Don lhes ofertava: “They guide our teaching and writing to this day” (p. xv).

A leitura do livro de Murray (2013) encerra, entre outros, um duplo alerta: por um lado, através de diferentes citações extraídas de diversos autores, chama a atenção para o que representa de exigente a prática da escrita a quem tem por profissão escrever e, por outro, exorta o leitor a coletar testemunhos dessa ordem, na medida em que estes lhes virão a ser seguramente de grande utilidade sempre que tiver de recorrer à escrita.

O impacto dos relatos sobre metaescrita

Esses (rel)atos sobre metaescrita contribuirão por certo para que os menos experientes em matéria de escrita não se desesperem no início, não fiquem ansiosos, porquanto não são os únicos a escreverem mal. Lê-se, então, em Murray (2013, p. 1), logo no princípio do capítulo 1: “All writers write badly – at first.”. Não surpreende, por isso, que os escritores se sintam na necessidade de terem de se valer da reescrita sempre que for imprescindível, numa atitude de boa aceitação do processo da revisão, posto que esta acaba por ser a chave da arte de redigir. Com a eloquência própria de quem lida com uma habilidade ímpar com o ato de escrever, finaliza Murray (2013) a primeira página da sua obra seminal “The craft of revision” da seguinte forma: “First emptiness, then terror, at last one word, then a few words, a paragraph, a page, finally a draft that can be revised.”

A arte de escrever é mesmo isto. Na verdade, aproximando a escrita da revisão e salientando o papel que a leitura sobre ela exerce, Murray vê na escrita um contínuo exercício: “Over and over, reading, adjusting, reading, adjusting” (2013, p. 21). Não obstante, também importa aprender a saber parar e a tomar a decisão, quantas vezes difícil, de dar por finda a versão que se tem em mãos para que esta siga o seu caminho, para que seja, por exemplo, dada à estampa. Esse será também um ato de humildade por parte do escritor.

Interessa notar que a escrita acadêmica não vive sem a leitura de escritos sobre as matérias que contribuirão para a sua concretização. Assim sendo, escrita e leitura terão de ser consideradas um todo coeso, sustentáculo da revisão. Em consonância com a última citação transcrita, é impossível exercer qualquer ajustamento na escrita sem o recurso à leitura, que terá de ser efetuada com a distância crítica esperada. Uma distância que ganha um poder tanto mais crítico quanto mais nutrida for por leituras feitas com profundidade e numa perspectiva comparativa e contrastiva.

O cunho iterativo da escrita faz com que seja comum compará-la com ofícios manuais. Tanto pode ser comparada ao ofício do tecelão e do sapateiro (MURRAY, 2013), como ao das lavadeiras. Com uma destreza extraordinária, Graciliano Ramos explicita na contracapa da sua obra publicada na Editora Record o que entende ser o trabalho do escritor. A citação em causa é tão plena de eloquência que a autora deste texto já dela se serviu noutra escrito (PINTO, 2018) e não se coíbe de a voltar a usar nesta ocasião. Mais: considera que o trecho de Graciliano Ramos abaixo transcrito, versando o ofício da escrita, será seguramente bem acolhido pelos leitores, na sua grande maioria brasileiros, na medida em que se trata de um escritor de vulto, estimado, sem dúvida, pelos seus conterrâneos. É ainda de acreditar que Murray teria gostado de ter lido esta passagem de Graciliano Ramos para a ter podido juntar à sua coleção de citações da ordem da metaescrita. Atente-se, então, na preciosidade do fragmento seguinte saído da pena de Graciliano Ramos:

Deve-se escrever da mesma maneira como as lavadeiras de Alagoas fazem o seu ofício. Elas começam com uma primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Colocam o anil, ensaboam e torcem uma, duas vezes. Depois enxáguam, dão mais uma molhada, agora jogando a água com a mão. Batem o pano na laje ou na pedra limpa, e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota.

Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar. Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa. A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer.

O acompanhamento dos escritos dos estudantes pelos professores

Ignora-se se todos os docentes, mesmo os que não ensinam especificamente composição escrita, sensibilizam os seus estudantes para o que representa a escrita, neste caso particular a académica, e se estão ou não sensíveis ao que estes aprendem com os comentários e observações que são exarados nas margens dos seus trabalhos escritos. Também não se sabe se os docentes incentivam os estudantes à reformulação dos seus escritos, por meio da revisão, e se estão disponíveis para a releitura de uma ou mais versões dos trabalhos por estes reescritos.

Acompanhar desta forma a escrita académica dos estudantes é provavelmente visto por muitos docentes como desnecessário no nível em que eles se encontram e, por essa razão, nem todos se disporão a realizá-lo. Interessa, porém, salientar que esta abordagem à escrita-composição é muito bem aceite pelos estudantes, que raramente se esquecem do muito que aprenderam com as reformulações que foram efetuando e que originaram novas versões cada vez mais buriladas.

Pois bem, esse acompanhamento é deveras compensador e dele podem inclusive resultar testemunhos interessantes e instrutivos relativamente ao modo como os estudantes passam a observar a escrita académica. Tudo isto para advertir o leitor que este artigo vai prosseguir com reflexões/depoimentos de estudantes que tiveram a autora deste texto como docente. O motivo desta opção reside no facto de ser natural que estudantes vinculados ao programa de pós-graduação a que se encontra associado o periódico *Verbum – Cadernos de Pós-Graduação da PUCSP* queiram saber o que pensam acerca da escrita académica estudantes de pós-graduação de outros países.

Depoimentos de estudantes portugueses sobre a escrita académica

Procede, assim, este texto com respostas dadas por estudantes de mestrado e de doutoramento da Faculdade de Letras da Universidade do Porto que frequentaram várias unidades curriculares lecionadas pela autora deste artigo a perguntas em torno da escrita académica. As perguntas são da autoria da signatária desta publicação, mas poderiam ter sido colocadas por qualquer estudante, independentemente da origem geográfica.

Do desenho escolhido para este texto, que se afasta da estrutura do artigo clássico que se escora sobretudo na literatura compulsada e nos resultados de uma parte empírica quando esta dele faz parte, é de esperar que se retirem também ensinamentos válidos, apoiados na

experiência de cada estudante e no que cada um aprendeu com a metodologia seguida em aula, com as observações feitas aos seus trabalhos e com as reformulações efetuadas.

No início, aludiu-se à generosidade de Murray por intermédio de Dethier. O momento é agora chegado de retomar essa qualidade e de a reconhecer nos estudantes que se prontificaram a depor sobre o que tinham aprendido a respeito da escrita académica, autorizando também a citação dos seus testemunhos. Só mesmo a generosidade por eles manifestada permitiu dar a este escrito a estrutura que apresenta e que se augura proveitosa para quem o vier a ler.

Que se espera que ofereça a Universidade no plano da (leitura-)escrita académica aos estudantes?

L. M. Quando se chega à Universidade, já temos um percurso de uma história de vida. Isto quer dizer, entre outras coisas, que nesse percurso se inscreveu a questão da leitura e o que a ela se pode ligar – hábitos de leitura, falta de hábitos de leitura, prazer ou desprazer, leituras obrigatórias ou leituras advindas da disponibilidade e da liberdade de cada um. Ou seja – não há um receptor-tipo nos bancos da Universidade. Há uma multiplicidade de receptores, se calhar, tantos quantos os discentes. Naturalmente, é dever da universidade possibilitar e dar a conhecer o maior número de textos possível.

[...]

No que me diz respeito, por exemplo, na disciplina de Psicolinguística e Ensino de Línguas, fui confrontada com muitos textos e, claro, com vários textos de diferentes autores com conceitos diferentes e apoiando-se em várias áreas de estudo sobre o mesmo tema.

Se digo confrontada é porque a atitude de leitura desses vários textos sobre o mesmo tema, me obrigou a vários níveis de confronto. O primeiro de mim com cada um dos textos separadamente; o segundo com os vários textos perante o mesmo tema, ou seja, o que os distingue e o que os associa; o terceiro nível de confronto, de novo o de mim própria com a síntese comparativa obtida e a minha opinião pessoal.

O estudo comparativo e finalmente sintetizado, resultou de um trabalho reflexivo sobre a linguagem escrita. E, por sua vez, esse estudo reflectir-se-á, num trabalho escrito pelo receptor, trabalho que deverá usar algum termo técnico ou definição de conceito retirados dos textos estudados. Dir-se-á que a linguagem usada “copia” o que encontrou.

Mas no trabalho de síntese referido como último nível, o receptor usará a sua linguagem própria matizada com o que de fundamental pensou retirar dos textos. Já não é a linguagem copiada, mas a linguagem reflectida.

Ora, este tipo de trabalho universitário permite não só o acrescentamento do saber, pela leitura, daquele que estuda, mas também (e igualmente importante) adquirir a consciência da relação de posições do saber e da vocação “universal” que compete à própria Universidade fomentar.

I. R. Não raras vezes, no final de uma aula, de um semestre ou de mais um ano lectivo, o aluno universitário reflecte sobre o seu próprio percurso e interroga-se acerca do que aprendeu e, nomeadamente, acerca do que

aprendeu de novo [...]. Mais importantes e memoráveis do que as classificações obtidas serão, certamente, os tais “passos de saber”, o caminho percorrido, a consciência de um “antes” e de um “agora” que permanentemente se ultrapassa. [...] A conclusão do seminário de Psicolinguística e Ensino de Línguas [...] deixou-me essa agradável sensação de um “agora” materializado nos conhecimentos e no método adquiridos e construídos durante as aulas [...]. Os desafios propostos ao longo deste seminário contribuíram de forma muito positiva para o meu amadurecimento enquanto estudante e, portanto, enquanto leitora e redactora de trabalhos aos quais se exige um grau necessariamente elevado de qualidade e cientificidade. Começo por salientar o contacto, desde as primeiras aulas, com uma vasta bibliografia, aconselhada ou facultada pela docente. Se o trabalho com bibliografia específica é comum ao nível universitário, nem sempre este se processa de forma produtiva – facto que acaba por derivar em leituras mecânicas e tantas vezes redutoras – e não são raros os alunos que revelam dificuldades na selecção, hierarquização e compreensão da informação veiculada pelos textos. O tipo de trabalho desenvolvido nas aulas de Psicolinguística exigiu a leitura minuciosa de artigos de diversos autores, sendo essas leituras indispensáveis ao estudo e à compreensão das questões abordadas. No entanto, em quase todas as sessões havia espaço para a leitura e discussão de várias passagens, para o esclarecimento de dúvidas, para a partilha de opiniões e experiências. O confronto com os diferentes textos permitiu-nos estabelecer comparações, levantar dúvidas relativamente aos assuntos estudados e tirar conclusões. Progressivamente, líamos com redobrada atenção, exigência e espírito crítico, numa atitude de constante questionação. Cedo verificámos que as questões se encontravam interligadas e que os artigos dialogavam proficuamente, convidando a novas leituras e à aventura da escrita. Textos originando outros textos: aí permanecia a riqueza do encontro entre a leitura e a escrita, encontro esse que vivenciámos com entusiasmo e do qual procurámos retirar o máximo partido.

Qualquer unidade curricular pode servir para sensibilizar os estudantes para a (leitura) escrita académica?

A escrita académica, enquanto objeto de estudo, não tem de integrar o programa de uma unidade curricular especialmente consagrada a essa temática?

A transposição de saberes também é possível em matéria de escrita académica?

A.F.L. A importância da escrita nas unidades curriculares da responsabilidade da Professora [...] é incontornável desde a primeira aula, mesmo que as unidades curriculares em questão se centrem noutras áreas que parecem não ter relação com a escrita per se.

Tendo sido sua aluna nas unidades curriculares de Psicolinguística e Aprendizagem de Línguas, durante o Mestrado, e mais tarde, já durante o Doutoramento, nas unidades curriculares de Psicolinguística, Didática de Línguas e Metodologias e Recursos de Investigação, talvez possa destacar a escrita como leitmotiv das recomendações feitas aos que participávamos dos referidos seminários.

A relevância da expressão escrita em trabalhos académicos é óbvia, mas ao longo de um percurso académico nem sempre nos deparamos com quem no-la apresente como uma prioridade. O conteúdo parece ser tanto autónomo como suscitador de uma escrita considerada boa e automática. O facto é que nem sempre isso acontece, razão pela qual o trabalho feito neste âmbito pela Professora [...] é fulcral desde o primeiro contacto com os estudantes.

Na primeira unidade curricular em que tive contacto com a Professora [...], Psicolinguística e Aprendizagem de Línguas no âmbito do Mestrado, deparámo-nos com a iniciação a um verdadeiro manual de escrita académica a partir da primeira aula de Psicolinguística. Por escrita académica entenda-se não só a elevação que esta exige, mas os fundamentos que a sustentam, isto é, como encetar um trabalho de investigação bem organizado e relevante, como citar ou referir fontes, como dividir um trabalho escrito, entre outros. Destes fatores, a Professora [...] destacava a importância das fontes na escrita, na medida em que a autoria é um trabalho criativo, mas parte inevitavelmente da criação de outros que não só importa reconhecer, como utilizar corretamente. O respeito pelos autores, a honestidade intelectual e a expressão escrita de qualidade ao serviço do conhecimento são valores que a Professora [...] nos faz ver muito claramente nas suas aulas e que perduram, estou certa, para além delas.

No meu caso, em virtude de beneficiar da orientação da Professora [...] quer no trabalho de mestrado, quer correntemente no de doutoramento, o cuidado com a escrita tem vindo a tornar-se uma atitude mais consciente. Pese embora não resulte sempre num produto bom, leva ainda assim a uma revisão mais cuidada dos mecanismos da língua, do entrelaçar de fontes e de perspetivas e leva também a uma exigência pessoal superior que precede aquela com a qual a Professora [...] lê e comenta os textos que vou escrevendo. De facto, as leituras que faz dos meus textos resultam sempre em comentários ricos e sobretudo em interrogações a que nem sempre consigo dar uma resposta pronta. Nunca há correções no sentido mais impositivo da correção, mas sempre questões que amiúde levam a reler a uma luz diferente o que pensava ter lido e posto de parte.

Os meus textos (como aliás nenhum texto, suspeito) nunca estão bem ou terminados, vão antes florescendo por um lado ou por outro, fruto do contributo incansável das questões com as quais a Professora [...] me vai guiando e da minha capacidade, mais ou menos limitada, de lhes dar resposta, procurando, relendo e interrogando-me constantemente. Não é, portanto, um processo linear, rápido ou fácil.

Sabe-se que a Professora [...] compreende o processo pelo qual passam os seus estudantes quando se lê a sua escrita. O cuidado que perpassa os seus textos, o tempo que obviamente passa a tecê-los e a riqueza da mensagem que faz passar também serão fruto de um processo intensivo de revisão e questionamento. Talvez seja esse o fator preponderante que leva os seus estudantes a aceitar com alegria a exigência com que comenta o que escrevem.

I.R. Retomando o que dizia no início a respeito dos benefícios do trabalho desenvolvido nas aulas de Psicolinguística para o meu percurso académico, saliento ainda a possibilidade de transpor estas práticas para outras situações e disciplinas. Pessoalmente, creio que a atenção que demos ao material bibliográfico, o modo como encaramos a leitura e a escrita a partir desse material, a primazia que demos ao rigor científico e à identificação correcta das fontes, permitiu-me rever e aperfeiçoar o meu método de trabalho não só na disciplina em causa, mas também nas restantes áreas

disciplinares. A transposição de saberes foi igualmente possível, motivando ou aprofundando reflexões exigidas por outras unidades curriculares. No que me diz respeito, a aplicação dos conhecimentos revelou-se especialmente produtiva nas disciplinas de Didática do Português, Investigação Educacional e Problemáticas Pedagógicas Contemporâneas.

J. S. B. A frequência do seminário em apreço, em especial por via do trabalho desenvolvido no seu âmbito, foi deveras enriquecedora, no tocante à aprendizagem de regras atinentes à escrita académica. Na verdade, estou em crer que o foi a ponto de levar a experiência vida fora, e não somente no intuito da obtenção de uma classificação na disciplina de “Linguagem e Cognição”. Tive acesso a textos que me hão de acompanhar, quer quando estiver em causa a apresentação de tese de Mestrado, sabendo-se que um trabalho académico está adstrito a regras e procedimentos aos quais somos “obrigados” a dar cumprimento, quer aquando da elaboração de qualquer espécie de texto, no futuro. Muitos dos ensinamentos que, pelas leituras que fiz, colhi, até já foram entretanto postos em prática por mais do que uma vez, mesmo em atividades totalmente alheias ao ambiente académico (percebi que tenho de fazer um esforço no sentido de evitar o encaixe de tanta informação entre o sujeito e o predicado da oração principal, em frases complexas e com várias orações encaixadas, como é meu apanágio). Por outro lado, a ligação de todo este processo, por que passei, à cognição foi evidente e significativa, e em especial trazida à colação pelo mecanismo da revisão, no que ele compreende de, ora refazer tudo quanto anteriormente foi mal realizado (aspeto recursivo da revisão), ora corrigir tudo quanto pode ser, simplesmente, melhorado (aspeto solucionador da revisão).

De resto, estou mesmo convencido de ter sido o seminário especialmente delineado no sentido de “permitir” ao discente uma certa insatisfação, uma certa sensação de frustração, que, uma vez feitos os comentários da docente, motivava à remoção dos obstáculos através do subprocesso cognitivo da revisão, tão do gosto desta última, como é visível nos vários textos que, sobre a escrita, já produziu. No meu caso, e como se alcança deste testemunho, foram os erros que originaram a minha mais profunda incursão no universo cognitivo, ora planeando, ora traduzindo, ora revendo e, neste último passo, re-planeando, re-traduzindo e novamente revendo.

Não queria finalizar este testemunho sem antes referir que, após ter, praticamente, terminado o trabalho que executei, é que me foram explicitamente indicados pela docente textos sobre a escrita que guardarei religiosamente, para aos mesmos ir recorrendo sempre que tiver dúvidas, já que me pareceram, passe o termo, a “nata” do que se há de fazer por aí na matéria. A sua leitura em momento anterior, por certo, teria evitado que a escrita do meu trabalho tivesse sido levada a cabo em quatro tempos (quatro versões); mas isso não me teria permitido semelhante consciencialização do processo cognitivo da escrita, sobretudo na indicada modalidade da revisão. E penso que até esse “timing” foi como que programado pela minha Professora.

A escrita académica requer um *modus operandi* particular e um *timing* para que se atinja um desempenho que possa ser considerado razoável?

R.R. De facto, a escrita sempre foi muito querida para mim, porém os critérios que seguia não eram os melhores e, de certo modo, em certos momentos considerei que não escrevia da melhor forma. E, com isso,

aprendi que o “escrever bem”, de forma clara e concisa, não surge de repente, mas sim com empenho, trabalho, rigor e, também, com paixão. Além disso, tomei conhecimento, com a Professora, que devemos simplificar os conceitos, adaptando-os ao público leitor, mantendo, deste modo, a transparência e a progressão textual, na qual estão presentes a coerência e a coesão. Estes aspetos são necessários para que um texto funcione e passe ao leitor o objetivo pretendido, estando, desta forma, a leitura diária agregada a este processo, tornando-o mais eficaz.

Aprendi a diferenciar intertextualidade de uma agregação de citações, devendo sempre mencionar o autor e a referência bibliográfica pertencente, tendo em conta que quando pretendemos realizar um trabalho, diversos são as obras ou artigos que podemos invocar. A formatação que uma investigação deve dotar foi um dos muitos aspetos que fiquei a compreender melhor com a Professora.

Na verdade, de forma a concluir, ao longo dos seminários lecionados pela Professora [...], tendo em conta a realização de diversos trabalhos, bem como uma reflexão crítica acerca da escrita pessoal no seminário de Linguagem e Cognição, verifiquei uma melhoria no processo da escrita na passagem da licenciatura para o mestrado pois, aspetos como a leitura em voz alta ou a realização de esboços antes do processo de escrita efetivo não faziam parte dos métodos que utilizava, antes de estudar com a Professora. É de destacar ainda que a reflexão crítica acerca da escrita pessoal foi de importante realização, dado que ajudou imenso na evolução do processo de escrita, uma vez que foi possível observar os meus erros e o meu progresso ao longo dos trabalhos realizados no seminário em questão e, ainda, descobrir dificuldades.

L.Q. A primeira vez que tive contacto com artigos relacionados com a escrita foi através do artigo “A escrita académica: um jogo de forças entre a geração de ideias e a sua concretização”, escrito pela Professora Maria da Graça Pinto [PINTO, 2016].

Até então, a minha experiência de escrita tinha passado apenas pela redação de trabalhos e recensões académicas, sem nunca questionar o modo como o fazia e se haveria uma outra forma de o fazer.

Quando a Professora [...] me apresentou este seu artigo sobre a escrita académica, o meu primeiro pensamento após a sua leitura foi o de que tinha estado a fazer tudo errado. Por outras palavras, este artigo – que considero essencial para quem esteja a iniciar a sua experiência no mundo da escrita – fez-me repensar a forma como tinha escrito os meus trabalhos académicos.

De facto, percebi por experiência própria, o processo de escrita não é algo imediato ou simples. É, sim, um processo demorado, que requer tempo, resiliência e muita dedicação. Neste processo, existe um antes, um durante e um após, que aprendi serem igualmente importantes para o resultado final.

[...] Redigir a minha dissertação sob a sua orientação – algo que durou cerca de um ano – foi, acima de tudo, uma imensa aprendizagem. Realço a sua exigência, rigor e principalmente a atenção aos detalhes da escrita.

Com a Professora aprendi que a escrita é fundamentalmente reescrita. A minha dissertação não foi escrita e melhorada à medida que a Professora achava necessário; foi, sim, relida e reescrita variadas vezes, porque é sempre necessário voltar a ler o que escrevemos para que possamos perceber o que pode ser melhorado e, muitas vezes, trabalhado de outra forma.

Com as correções e sugestões que a Professora me ia enviando, consegui reescrever o meu texto de tal forma que, quando a dissertação ficou terminada, percebi que o texto escrito inicialmente tinha sofrido bastantes (ainda que necessárias) alterações. A reescrita permitiu-me ir aperfeiçoando aos poucos o meu texto e dar-lhe uma identidade.

Aprendi com a Professora [...] que a escrita não é só pesquisar, escrever e rever o texto no final. A pesquisa, bem como a revisão do texto, devem ser contínuas, feitas de forma atenta e paralela à redação do texto. Aprendi também a deixar de ver a escrita como uma obrigação e passei a ter gosto em escrever, o que resultou numa dissertação da qual me orgulho muito.

Que exigências coloca no plano pessoal a escrita académica?

A.O.S. A escrita académica [...] configura para um autor uma responsabilidade maior na medida em que a sua “obra” será lida e escrutinada por um determinado círculo de leitores. Por se tratar de um documento destinado ao público, a escrita académica deve demonstrar todo o respeito com que um escritor trata não só os seus leitores, mas também as suas fontes de inspiração. A escrita académica enquanto ato de comunicação, que dificilmente pode ser apagado, deve assim espelhar todo um trabalho de maturação intelectual e respeito pelos nossos interlocutores e mentores. [...]. Os ensinamentos transmitidos ao longo das semanas em que decorreram as aulas sobre este tema alertaram-me para uma necessária consciencialização da importância de uma escrita académica cientificamente rigorosa na sua forma e no seu conteúdo, mesmo sendo ela um ato de revelação pessoal.

C. S. Desde cedo que, como estudantes, somos embebidos em diversas práticas de escrita. Começa-se por redações, pequenos poemas, “composições”, entre outros; até que, no ensino secundário (para muitos o fim do percurso escolar) se encerra o ciclo com os chamados texto expositivo e texto argumentativo. No entanto, após a transição para o ensino superior, dão-se os primeiros contactos com uma nova realidade composicional: a escrita académica.

A escrita académica, de acordo com a perspectiva que aqui apresentaremos, não pode ser vista como um produto, mas antes como uma lição; uma lição de rigor e de humildade. De rigor, porque obriga quem a pratica a:

- 1. Ter provas/dados que suportem tudo o que diz;*
- 2. Cumprir uma estrutura pré-determinada (IMRD), que facilita [sic] do leitor pelo texto;*
- 3. Usar um certo tipo de vocabulário, cujos termos sejam específicos, mas facilmente reconhecidos por outros investigadores.*

Deste modo, este tipo de escrita deve sempre destacar-se pela sua objetividade, formalidade e estruturação.

A humildade justifica-se, por um lado, pelo encorajamento a uma certa “impessoalização” do texto, pelo uso da primeira pessoa do plural ou de formas impessoais e, por outro, pela referência constante às fontes, a que se acrescenta uma forte modalização das contribuições que o próprio trabalho procura dar para o desenvolvimento da respetiva área. Há, de facto, a busca de uma certa originalidade na escrita académica, tal como em géneros textuais como a poesia ou a narrativa literária. Contudo, uma vez

que o objetivo deste tipo de escrita é “fazer ciência”, a composição deve ser conscienciosa o suficiente para apresentar as conclusões não como verdades, mas como simples propostas ou até eventuais erros.

Por tudo o que foi exposto acima e pelo facto de ser uma “prática”, a escrita académica não pode ser vista como um produto acabado. A par das qualidades do rigor e da humildade, a escrita é algo que se desenvolve com tempo e treino. Assim, podemos ver que faz algum sentido, de facto, falar da escrita académica como uma lição.

Contribui unicamente o à-vontade com a escrita para a qualidade de um trabalho científico?

A.I.A. Uma das mais valiosas – e difíceis! – lições que aprendi ao longo da minha vida académica é que a qualidade de um trabalho científico depende mais da nossa destreza na escrita do que de uma boa ideia. Todo o processo de escrita é como o trabalho do oleiro: começa com o barro informe de uma ideia que dia após dia o artesão faz e desfaz para voltar a refazer... até alcançar o talhe pretendido. Pois, de que nos serve uma boa ideia se não soubermos comunicá-la aos nossos pares? Diz-se por aí que escrita que é o salto da pré-história para a história; da iliteracia para a literacia; da exclusão para a inclusão. A escrita é tudo isso e, no entanto, por vezes mais parece a parente pobre da oralidade. Por tudo isto, parece-me ser de suma importância garantir o debate contínuo entre professores e estudantes sobre a sua natureza e sobre o seu papel na persecução do sucesso académico e profissional em todos os ciclos de estudo e em todas as áreas científicas.

J. P. Mas não basta ter um argumento, dados e referências e coordenar os elementos que temos em memória com a visão e o gesto, seja este o de manusear da caneta ou o premir das teclas. Mais do que transmitir a informação que temos é fundamental escolher e pesar as palavras e as frases tentando, com elas e através delas, transformar a informação disponível em conhecimento.

Fecho

Com este texto, bastante divergente em estrutura dos artigos a que o público leitor estará acostumado, objetivou-se provar que os estudantes também podem expressar opiniões sobre a escrita académica. Deu-se-lhes assim a voz, uma voz que, porque dos pares, poderá revelar-se mais útil a quem frequenta a Universidade e precise de se consciencializar do que representa essa escrita.

Emerge dos depoimentos apresentados que a escrita académica – como qualquer outra escrita – é uma prática que exige muita dedicação, tal como se passa com quem aprende a tocar um instrumento musical. Ademais, não prescinde da leitura atenta de escritos do mesmo teor, de uma escolha lexical muito rigorosa para que dessa exatidão de linguagem resulte uma

mensagem que corresponda exatamente ao que se pretende transmitir, e de uma orientação que contribua para versões cada vez mais bem elaboradas.

É, portanto, intento da signatária deste texto que os estudantes que o vierem a ler vejam nas várias vozes gravadas graficamente um incentivo para que venham a escrever com muito empenho os seus trabalhos e a sentir prazer na realização de uma tarefa que, embora exigente, se revelará muito gratificante.

Agradecimentos

São devidos profundos agradecimentos aos estudantes que se prontificaram a depor sobre a escrita académica. Os respetivos nomes surgem de acordo com a ordem de ocorrência dos depoimentos no texto: Leonor Meneses (L.M.), Inês Ribeiro (I. R.), Ângela Filipe Lopes (A.F.L.), Júlio Soares Barbosa (J.S.B.), Rute Rebouças (R.R.), Luísa Quaresma (L.Q.), António Oliveira Soares (A.O.S.), Carlos Silva (C.S.), Ana Isabel Almeida (A.I.A) e Jorge Poço (J.P.). Poderão estar certos, estimados estudantes e amigos, de que os testemunhos tão generosamente redigidos terão um impacto muito positivo e produtivo em quem os ler.

Referências

DETHIER, Brock. Foreword. Donald M. Murray, Master Craftsman. In D. M. MURRAY. **The craft of revision**. Fifth Edition. Anniversary Edition. United States: Wadsworth. Cengage Learning, 2013, p. xi-xx.

MURRAY, Donald. **The craft of revision**. Fifth Edition. Anniversary Edition. United States: Wadsworth. Cengage Learning, 2013.

PINTO, Maria da Graça L. Castro. A escrita: uma prática movida pela busca da melhor adequação da *execução à intenção*. **Revista Observatório**, v. 4, n. 4, p. 763-792, 2018

PINTO, Maria da Graça Lisboa Castro. A escrita académica: um jogo de forças entre a geração de ideias e a sua concretização. **Signo**, v. 41, n. nesp, p. 53-71, 2016,

ACADEMIC WRITING FROM STUDENTS' PERSPECTIVE: GENEROSITY SERVICING TEACHING

ABSTRACT: Academic writing as a research topic may be approached in different ways. In this particular case, students' thoughts on what they fathom about writing in debate are to be presented, given that these students attended the author's seminars on different areas of studies. Their answers,

which were transcribed to this text, condense unique points of view on academic writing which are probably hard to find in essays or textbooks in this area, since these statements are the product of their experience as well as of their critical stance. They are thus to be thanked for their generosity when asked to write testimonials and authorize their use in this text. It remains for the reader to turn this generosity into teaching.

Key words: Academic writing. Students' perspective. Generosity. Teaching.

Envio: junho/2019

Aceito para publicação: agosto/2019

VERBUM – CADERNOS DE PÓS GRADUAÇÃO – ISSN 2316-3267